



Fonte: Jornal A Tarde

A vida e a obra de Manuel Raimundo Querino¹

*“Quantas vezes (Manuel Querino) deve ter
ouvido a frase feita e ainda corriqueira:
‘este negro não se enxerga!’
As reivindicações a favor dos irmãos de raça
havam de trazer-lhe simpatia e desafetos;
mais desafetos...”*
- Frederico Edelweiss

*“Pardo, paisano e pobre –
tirado a sabichão e porreta”*
- Jorge Amado, Tenda dos Milagres

Nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, provavelmente a 28 de julho de 1851, Manuel Raimundo Querino era filho do carpinteiro José Joaquim dos Santos Querino e Luzia da Rocha Pita, ambos negros livres que teriam falecido durante a epidemia de cólera que flagelou a região em 1855 (CALMON 1980).² Uma cidade relativamente populosa e o maior centro de produção de açúcar da Bahia, Santo Amaro ficou quase despovoada.

¹O esboço biográfico a seguir é uma versão ampliada do verbete produzido pela autora para o Dicionário Biográfico-Histórico da Bahia, idealizado e codenado por Professora Consuelo Novais Sampaio, em 2006.

² O único biógrafo de Querino que cita o nome de seu pai é Jorge Calmon, em seu opúsculo titulado “Manuel Querino, O Jornalista e o Político”. Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, Ensaios/Pesquisas n° 3, Maio/1980.

Estima-se que, ao todo, 25 mil vidas foram ceifadas na província inteira (TAVARES 2001:273).

Levado à capital, o menino foi entregue a um tutor, o Bacharel Manuel Correia Garcia, pelo Juiz dos Órfãos – possivelmente seu futuro padrinho, o Conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, que exerceu este cargo em Santo Amaro e Salvador antes de tornar-se o chefe do Partido Liberal e Primeiro Ministro do Brasil, entre outros cargos eminentes.

Segundo Antonio Vianna, num discurso proferido na ocasião da inclusão de um retrato de Querino na galeria de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 1928, Manuel Correia Garcia era “um espírito elucidado, educado na Europa, cultor das letras e amante das coisas do ensino”. Professor aposentado, político e jornalista e advogado, foi deputado pelo Partido Liberal, praticava o Espiritismo e era Doutor em Filosofia pela Universidade de Tubinga, na Alemanha. Enviado pelo Governo da Província para graduar-se na Escola Normal de Paris, junto com o futuro diretor da Escola Normal da Bahia, João Alves Portela, voltou habilitado para organizar uma escola para professores e todo o sistema de ensino primário na província em 1842. Passou a lecionar Aritmética, Desenho Linear e Caligrafia na Escola Normal, mas foi dispensado de sua cadeira em 8 de junho de 1847 (NUNES 2005). Também foi o principal fundador do antigo Instituto Histórico da Bahia em 1855 ou 1856 (CALMON 1980; WANTUIL s/d).

Ao invés de criar Querino para ser um serviçal, como era de costume, Correia Garcia “Procurou encaminhar o tutelado nos trabalhos mentais e conseguiu inculcar-lhe a paixão do estudo, o amor aos livros que havia de acompanhá-lo até o túmulo”. Mesmo assim, o único futuro que previa para o jovem era nos trabalhos manuais, como operário e artesão, portanto: “Deu-lhe também um meio prático de viver, mandando-lhe ensinar a arte de pintar” (VIANNA 1928:306). Entretanto, as aspirações geradas no ambiente de cultura e aplicação aos estudos em que viveu no lar do Bacharel levaram Querino muito além: seguiria o exemplo de seu tutor não somente no magistério, mas também na política e na pesquisa histórica e antropológica.

A Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai declarou guerra contra o Paraguai em 1865. Em 1868, já um “homem feito” com 16 ou 17 anos, Querino resolveu tentar a sorte em Pernambuco e viajou para lá em companhia de um sobrinho de Manuel Correia Garcia. Pode ser que deixou a Bahia com a intenção de evitar o alistamento forçado que descreve no capítulo de *A Bahia de Outrora* titulado “O Recrutamento”, por causa do qual, “as ruas ficavam desertas e os trovadores mudos” (QUERINO 1946:184). Mais tarde, Querino seguiu para o Piauí. Mas os ventos bélicos que assopravam na época o levaram para o sul. O jovem baiano foi recrutado nos sertões do Piauí e enviado para treinamento no Rio. Depois, teria seguido à frente da guerra como milhares de outros recrutas e voluntários da pátria, muitos dos quais morreram ou voltaram nas tristes levas de “inválidos, mutilados” (ibidem, p.182). Felizmente, sua inteligência e cultura e o fato de ser letrado – uma qualificação rara numa época em que em torno de 85% da população livre era analfabeta – mudaram seu destino. Ficou no Rio de Janeiro para trabalhar na escrita de seu batalhão e foi promovido a cabo de esquadra em março de 1870. Quando a guerra terminou no mesmo ano, foi desmobilizado em outubro, graças à influência de seu padrinho, o Conselheiro Dantas.³

De volta à Bahia em 1871, depois de sua única experiência fora de sua terra natal, dedicou-se ao trabalho e aos estudos. Kursou o francês e a “língua vernácula” no Colégio 25 de Março. Depois, foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (inaugurado em 1872), trabalhando como artesão de dia e estudando humanidades à noite. Fez exames em francês e português no Liceu, recebendo “aprovação distinta” na primeira disciplina e aprovação plena em português (VIANNA 1928:307). Quando seu professor e mentor, o artista plástico espanhol Miguel Navarro y Cañizares, deixou o Liceu e criou a Escola de Belas Artes em 1877, Querino o seguiu, sendo contratado como pintor durante a fase de construção e tornando-se aluno fundador desta instituição (SILVA 2005:233). Diplomou-se em 1882, no curso de desenhista e, no mesmo ano, foi nomeado membro do júri da exposição da EBA. Querendo completar o curso, matriculou-se

³ No capítulo “Operários políticos” de *As Artes na Bahia*, Querino descreve o Conselheiro Dantas assim: “espírito fadado para a política, maneiroso e feliz, sabia perfeitamente empolgar a opinião nas lutas da tribuna e da imprensa; possuía a vertiginosa embriaguez da fama ruidosa e brilhante dos agitadores” (1913, P. 159).

na aula de arquitetura. Foi aprovado com distinção no segundo ano, mas não chegou a se formar. Segundo Antonio Vianna (1928:307): “não foi diplomado em virtude de não ter sido lecionada uma das cadeiras do 3º ano”. Licenciado como professor de desenho, lecionou no Colégio de Órfãos de São Joaquim e no Liceu – sendo nomeado lente de desenho geométrico em 1885 e agraciado com o diploma de sócio benemérito pela assembléia geral.

Como decorador, *designer* e artista plástico, produziu obras que receberam menção honrosa e medalhas de prata da EBA e medalhas de bronze, prata e ouro nos concursos do Liceu. Em 1883, concorreu a um “Plano de Casas escolares, adaptadas ao clima do Brasil” com um projeto acompanhado de um memorial explicativo (VIANNA 1928). Também foi funcionário público, exercendo vários cargos na Diretoria de Obras Públicas e depois na Secretaria de Agricultura, onde era “reconhecido como um dos mais distintos funcionários pelas suas habilitações técnicas e pelos seus predicados morais” (TEIXEIRA BARROS apud QUERINO 1946:9).

Na vida política, demonstrou solidariedade com seu tutor e seu padrinho, além de seus irmãos de cor, em engajar-se às causas do Partido Liberal – o republicanismo e o abolicionismo. Em 1 de agosto de 1878, assinou o Manifesto Republicano. Embora não tenha chegado à eminência dos líderes da campanha abolicionista, entre eles Rui Barbosa e José do Patrocínio, Querino ingressou na Sociedade Libertadora Baiana e escreveu artigos publicados na *Gazeta da Tarde*, tentando sensibilizar o público sobre as injustiças da escravidão. Abolicionista militante, trabalhou lado a lado com Frederico Marinho de Araújo e Eduardo Carigé, entre outros. Diferente de muitos de seus correligionários, acreditava que a desigualdade entre negros e brancos devia-se apenas à falta de oportunidades para os primeiros. Portanto, defendia a abolição seguida pela preparação dos escravos para o mundo do trabalho assalariado porque, baseando-se na sua própria experiência, estava convicto que o ser humano não podia evoluir sem a educação. Infelizmente, para seu tremendo desgosto, isto não se concretizou.

Jornalista militante antes e depois da proclamação da República, Querino criou e comandou dois jornais para defender as causas da Abolição e dos operários, respectivamente: *A província* (1887-1888) e *O trabalho* (1892).

Sendo trabalhador e artesão, Querino se preocupava com os direitos da classe operária ainda em tempos de escravidão, quando a população livre e assalariada estava em franca minoria. Naquela época o mercado de trabalho era controlado por arrematantes de obras que monopolizavam as construções e ditavam os salários. Primeiro, a Liga Operária Baiana foi formada em 1875 para garantir salários dignos aos trabalhadores. Segundo seu biógrafo José Teixeira Barros: “ninguém se empenhou tanto pelo levantamento das artes, na Bahia, como Manuel Querino e nenhum outro artista propugnou, com tamanha veemência, a união da classe operária de modo que viesse a constituir uma força, uma vontade, um poderoso elemento de ação, no seio da coletividade. O seu maior ideal era arredar o artista da tutela da política, que tudo avassala, torná-lo independente e autônomo” (apud QUERINO 1946:6). A Liga foi extinta e descaracterizada devido à interferência de políticos que, “valendo-se do prestígio do poder e das promessas de efêmeras vantagens tiveram a sagacidade de abolir a nobre ambição do artista” (ibidem, p. 6). Quinze anos depois, o Partido Operário se organizou em 1890, comandado por um Diretório presidido por Gonçalo José Pereira Espinheira, com o lema: “Com ordem, firmeza e trabalho, chegaremos ao termo de nossas aspirações”. A diretoria do partido tinha nove membros, entre eles, Manuel Querino (CALMON 1980).

Candidatou-se a Deputado Federal pelo Partido Operário em 1890 e foi eleito delegado da classe no Congresso Operário Brasileiro no Rio de Janeiro. Entretanto, esta “agremiação partidária composta somente de trabalhadores, funcionando disciplinadamente” despertou novamente os temores da elite, principalmente os patrões e industriais. Intimidado, Gonçalo Espinheira anunciou que o movimento “não cogitava a política” e o partido foi rebatizado o Centro Operário da Bahia. Segundo Jorge Calmon, em seu opúsculo titulado “Manuel Querino, o Jornalista e o Político”: “Adepto da aproximação dos trabalhadores,

incentivador do ensino profissional, Manuel Querino há de ter aprovado calorosamente esta solução. Fora a menos pior” (CALMON 1980).

Sua campanha jornalística e a capacidade de liderança demonstrada na frente do Partido Operário valeram-lhe a nomeação de membro ou “Intendente” do Conselho Municipal, a primeira legislatura municipal da cidade do Salvador, em 1890 ou 1891 (VIANNA 1928:308; CALMON 1980). Segundo Jorge Calmon (1980): “terá sido nomeado, entre 1890 e 1891, para suceder a um dos ‘Intendentes’ inicialmente escolhidos pelo Governador do Estado[...]”. Voltou a ser Conselheiro Municipal em 1897 como primeiro suplente convocado, “substituindo Dr. Deocleciano Ramos, que renunciara ao mandato”. Perdeu a eleição para suprir a vaga deixada pela renúncia, mas permaneceu no Conselho até 26 de dezembro de 1899. No mesmo ano, renunciou à política devido às represálias dos “poderosos da ocasião”.

Depois de deixar a vida política, desiludido, Manuel Querino se dedicou ao trabalho pelo qual é mais lembrado: uma série de pesquisas que são de fundamental importância para a história das artes plásticas no Brasil, a historiografia brasileira em geral e a formação da identidade negra neste país. Foi um dos únicos intelectuais de sua época, e provavelmente o primeiro intelectual afro-brasileiro, a reconhecer e divulgar a contribuição africana à civilização brasileira,⁴ teve um papel fundamental no resgate e documentação das contribuições dos africanos e seus descendentes ao desenvolvimento do Brasil e preservou um considerável montante de informações sobre as artes, artistas e artesões da Bahia. Igualmente, forneceu abundantes dados sobre os costumes, cultura e religião dos africanos e seus descendentes.

Publicou, entre outros títulos: *Artistas baianos* (1909); *As artes na Bahia* (1909); *Bailes pastoris* (1914); “A raça africana e os seus costumes na Bahia”, *In Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia* (1916); *A Bahia de outrora* (1916) e *O colono preto como fator da Civilização Brasileira* (1918). Também produziu dois livros didáticos: *Desenho linear das classes elementares* e *Elementos de desenho*

⁴ Em meados do século XX, Caio Prado Jr. afirmou no seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicado em 1957, que “A contribuição do escravo preto ou índio para a formação brasileira, é além daquela energia motriz quase nula” (apud Mattoso, 1978, P. 149).

geométrico. Sua obra mais conhecida no Brasil, *A arte culinária na Bahia*, foi lançada em 1928, cinco anos depois de sua morte. O livro ilustrado *Costumes africanos no Brasil* (Rio de Janeiro, 1938), organizado por Artur Ramos, reúne vários trabalhos de sua autoria. Segundo Antonio Vianna, “[D]edicou-se de corpo e d’alma aos estudos tradicionalistas, revivendo com uma exatidão inexcedível e irrefutável, tipos e hábitos, coisas e idéias que estavam condenadas a perpetuo olvido”. De acordo com o pesquisador norte-americano David Brookshaw (1983:55), Manuel Querino tentou “aparar o golpe do proeminente etnólogo Nina Rodrigues, defendendo os negros e exaltando suas qualidades[...]. Querino, poder-se-ia acrescentar, estava particularmente interessado na reabilitação do mestiço urbano alfabetizado; de aspirações pequeno-burguesas, e seu papel pode ser comparado ao de Booker Washington nos Estados Unidos, de quem era fervoroso admirador”.⁵

Certamente uma das maiores contribuições de Querino à historiografia brasileira foi sua insistência para que a História Nacional levasse em consideração suas raízes africanas e a presença e influência dos africanos. O Brasil, ele enfatizava, era o resultado da fusão entre portugueses, índios e africanos, mas a contribuição dos africanos estava sendo menosprezada. Ele ratificou estas contribuições em seu livreto “O colono preto como fator da Civilização Brasileira” (1918). Por exemplo, Querino determinou o afro-brasileiro como personagem principal na defesa do Brasil e na manutenção da integridade nacional.

Ao voltar sua atenção para a História, Querino esperava re-equilibrar a ênfase tradicional da experiência européia no Brasil. Nenhum afro-brasileiro havia até então dado sua perspectiva da História do Brasil. Querino surgiu como um dos primeiros brasileiros e possivelmente o primeiro afro-descendente⁶ a detalhar, analisar e fazer justiça às contribuições africanas ao seu País. Apresentou suas conclusões em meio a um clima de opinião que era na melhor das hipóteses indiferente, e na pior racista e até genocida. Desmentiu o racismo pseudocientífico

⁵ Na apresentação de “A raça africana”, Querino escreve assim: “Quem desconhecerá, por ventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker [T.] Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça negra na União Americana?” (QUERINO 1938, p.22).

⁶ Ver nota 2. Mesmo defendendo “o negro”, Querino se considerava “mestiço”, mas outros, como o também afro-descendente Edison Carneiro, caracterizam-no como “negro” (CARNEIRO 1964, P. 107)

de Gobineau e Spencer, disseminado no Brasil pelo médico-legista Nina Rodrigues, entre outros, e utilizou o darwinismo social para seus próprios fins: acreditando que a raça africana fosse “não evoluída” por causa da escravidão e da conseqüente falta de oportunidades (QUERINO 1938:22), ele viu no seu próprio exemplo e o de outros eminentes baianos negros cujas vidas registrou, que, quando o afrodescendente é respeitado e devidamente instruído, sua evolução social e econômica é garantida.

Em “A raça africana”, dá o exemplo dos religiosos negros observados por Padre Vieira na Ilha de Cabo Verde no século XVII: “Há aqui clérigos e cônegos tão negros como o azeviche, mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados que fazem invejas aos que lá vemos nas nossas catedrais” (PADRE VIEIRA apud QUERINO 1938:23). E Querino arremata o argumento assim: “Do exposto devemos concluir que, *somente a falta de instrução destruiu o valor do africano*” (QUERINO 1938:23) [grifo nosso].

Seria difícil exagerar a importância da contribuição de Manuel Querino à valorização da imagem do negro no Brasil. Na sua época, era uma voz solitária. Um negro que conquistou um lugar no meio da elite branca, tentou utilizar sua posição para divulgar uma mensagem que nenhum de seus contemporâneos – negro ou branco – podia proferir. Nas palavras do historiador norte-americano E. Bradford Burns (1974:82), “Seus estudos tinham dois objetivos. Por um lado, Querino queria mostrar a seus irmãos de cor a contribuição fundamental que deram ao Brasil; e por outro ele desejava lembrar aos brasileiros de origem européia da dívida que tinham, e têm, com a África e com os afro-brasileiros”.

Além de escrever sobre os afro-brasileiros, Querino também ajudava a defendê-los. Segundo Burns, chamou a atenção dos oficiais municipais às perseguições existentes aos praticantes das religiões afro-baianas. Uma vez que a sociedade rotulava essas religiões como “bárbaras e pagãs”, a polícia freqüentemente aparecia nos terreiros durante as cerimônias, destruindo e confiscando propriedades e ferindo os participantes (ibidem, p. 82). Em “A raça africana”, Querino (1938:22) declara:

Incontestavelmente, o feiticismo africano exerceu notória influência em nossos costumes; e nos daremos por bem pago se o reduzido material que reunimos puder contribuir para o estudo da psicose nacional no indivíduo e na sociedade. *E, aproveitando o ensejo, deixamos aqui consignado o nosso protesto contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial, comum, aliás, a todas as raças não evoluídas.* [grifo nosso]

Como Artur Ramos observou: “Nota-se como, já no seu tempo, Manuel Querino se insurgira contra o preconceito de inferioridade antropológica do Negro, atribuindo o seu atraso a contingências socio-culturais, e não a inferioridade de raça” (ARTUR RAMOS apud QUERINO, 1938:22).

Foi Membro Fundador e depois Honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB, em cujo jornal publicou vários artigos, e membro da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Segundo a pesquisadora brasileira Wlamyra Ribeiro de Albuquerque, "A Manoel Querino comumente é atribuída a pecha de imprevidente nas palavras e atitudes; um colecionador de desafetos". Segue um caso que ilustra esta fama: Querino era membro da Sociedade Protetora dos Desvalidos, uma associação criada em 1832 pelo africano livre e ganhador Manoel Victor Serra para construir um fundo inicialmente dirigida à compra de alforria de seus irmãos escravizados e, principalmente após a Abolição, para a proteção dos inválidos e idosos - uma versão pioneira dos atuais fundos de previdência privada. De acordo com a pesquisadora norte-americana Kim D. Butler, no livro *Freedoms Given, Freedoms Won* (2000:164), as relações entre Querino e esta sociedade nem sempre se baseavam na "bondade fraterna". Depois de pedir para sair da sociedade (não sabemos os motivos), Querino solicitara sua reintegração em 1892. Este pedido foi rejeitado por uma votação de cinco contra um. Querino recusou-se a aceitar esta decisão, mas uma segunda votação teve o mesmo resultado. Finalmente foi reintegrado em 1894. Em 1896, Querino solicitou uma pensão de invalidez, mas a Mesa resolveu suspender os pagamentos quando constatou que o "inválido" foi visto em procissões, casamentos e passeios, comprovando seu perfeito estado de saúde. Entretanto, um dos diretores alertou que Querino poderia utilizar sua influência no governo para suspender o subsídio

da sociedade. Seja qual for o motivo, este subsídio realmente foi suspenso. Alguns anos depois, quando Querino - já com 74 anos - solicitou uma pensão de aposentadoria, seu pedido foi negado (ibidem, p. 165).

Na análise de Butler, o caso do embate entre Querino e a Sociedade Protetora dos Desvalidos levanta questões interessantes sobre a liderança e estratégias políticas na comunidade afro-brasileira. De acordo com a pesquisadora norte-americana, Querino estaria numa excelente posição política e social para prestar apóio à Sociedade - além de ser pesquisador e político, era um dos poucos brasileiros a se qualificar como eleitor. Mesmo assim, por motivos políticos ou pessoais, a Sociedade não procurou beneficiar-se de sua influência.

Manuel Querino casou-se duas vezes e teve quatro filhos. Faleceu a 14 de fevereiro de 1923, em sua casa em Matatu Grande, distrito de Brotas, deixando Laura Querino, sua esposa em segundas núpcias, e dois filhos vivos: o músico Paulo Querino e Maria Anatildes Querino. Seus restos mortais encontram-se enterrados na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Salvador. Apesar de seu prestígio e influência, morreu pobre. Hoje, a Sociedade Protetora dos Desvalidos mantém o Centro Cultural Manuel Raimundo Querino, criado em sua homenagem.

De acordo com Jorge Amado, o protagonista de seu romance *Tenda dos Milagres*, lançado em 1969, “é a soma de muita gente misturada: o escritor Manuel Querino, o *babalaô* Martiniano Eliseu do Bonfim, Miguel Santana Obá Aré, o poeta Artur Sales, o compositor Dorival Caymmi e o *alufá* Licutã (da revolta dos Malês) — e eu próprio, é claro” (AMADO 1992:139). A relação da obra fictícia do personagem Pedro Archanjo — *A Vida Popular na Bahia, Influências Africanas nos Costumes da Bahia, Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas e a Culinária Baiana: Origens e Preceitos* — não deixa dúvidas quanto à sua inspiração. E tanto Querino como seu *alter ego* amadiano tiveram algumas de suas obras colecionadas e comentadas pelo eminente estudioso brasileiro Artur Ramos (ver QUERINO 1938). Nas palavras de Jorge Amado: os trabalhos produzidos por Pedro Archanjo eram “livros hoje considerados fundamentais para o estudo do folclore, o conhecimento da vida brasileira nos fins do século passado e nos

começos do atual, e sobretudo para a compreensão do problema das raças no Brasil” (AMADO 1987:186). O mesmo pode ser dito da obra de Manuel Raimundo Querino.

Referências

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Brasília: Senado Federal, 2000.

AGASSIZ, Louis & AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, 2000.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). *Estudos Afro-asiáticos*, 2002, v.24, n.2, p.215-245. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/eea/v24n2/a01v24n2.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2007.

ALVES, Marieta. *Intelectuais e escritores baianos – breves biografias*. Salvador: Prefeitura Municipal/Fundação Museu da Cidade – FUMCISA, 1977.

AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 36 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BERGHE, Pierre L. van den. *Race and Racism: A Comparative Perspective*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1967.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, Série Novas Perspectivas, 7, 1983.

BURNS, E. Bradford. *Perspectives on Brazilian History*. Nova Iorque/Londres: Columbia University Press, 1967.

BURNS, E. Bradford. Manuel Querino's Interpretation of the African Contribution to Brazil. *The Journal of Negro History*, LIX (1), p.78-86, jan. 1974.

BURNS, E. Bradford. *A History of Brazil*. 3 ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 1993.

BURTON, Sir Richard F. *The Highlands of Brazil*. v.1. Nova Iorque: Greenwood Press, 1969.

BURTON, Sir Richard F. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Tradução de David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, 2001.

BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Bahia*. New Brunswick/Londres: Rutgers University Press, 2000.

CALMON, Jorge. Manuel Querino, o jornalista e o político. *Ensaio/Pesquisas*, n.3. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos Afro-Orientais, mai. 1980.

CAMPOS, Pedro Moacyr. An Outline of Brazilian Historiography in the Nineteenth and Twentieth Centuries. In: BURNS, E. Bradford (Ed.). *Perspectives on Brazilian History*. Nova Iorque/Londres: Columbia University Press, 1967, p.42-89.

CAPISTRANO de Abreu. In: ENCYCLOPÆDIA Britannica Online. Disponível em: <www.britannica.com/eb/article-9003387>. Acesso em: 16 out. 2006.

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos, estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984.

DEGLER, Carl N. *Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1971.

DEGLER, Carl N. *Nem preto nem branco, escravidão e relações raciais no Brasil e nos E.U.A.* Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Labor do Brasil S.A., 1976.

ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2004.

FLORY, Thomas. Race and Social Control in Independent Brazil. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, n.9 (2), p.199-224, 1977.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.

GLEDHILL, Sabrina. *Afro-Brazilian Studies before 1930: Nineteenth-Century Racial Attitudes and the Work of Five Scholars*. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade da Califórnia em Los Angeles, Los Angeles, 1986.

GOBINEAU, Joseph Arthur Compte de. L'émigration au Brésil. *Le Correspondant*, Paris, n.96, p.352-376, 1874.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, n.VII (2), p.389-410, jul.-out. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008> Acesso em: 16 out. 2006.

HABERLY, David T. Abolitionism in Brazil: Anti-Slavery and Anti-Slave. *Luso-Brazilian Review*, Madison, Wisconsin, n.8 (2), p.30-46, 1972.

HABERLY, David T. *Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

IANNI, Octávio. Research on Race Relations in Brazil. In: MÖRNER, Magnus (Ed.). *Race and Class in Latin America*. Nova Iorque/Londres: Columbia University Press, 1970.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Querino entre letras e lutas – Bahia: 1851-1923*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MALANCHEN, Julia & ROCHA VIEIRA, Suzane da. *A construção de uma história oficial através da invenção de um passado*. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/060/60malanchencieira.htm>. Acesso em: 10 out. 2006.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.24, jan. 1845. Transcrito em: SPIX, J.B. & MARTIUS, C.F.P. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p.85-107.

MARY, Cristina Pessanha. A geografia no Brasil nos últimos anos do Império. Disponível em: <www.mast.br/arquivos_sbhc/10.pdf>. Acesso em: 11 feb. 2008.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. Salvador: HUCITEC Ltda., 1978.

MERÉJE, Rodrigues de. *O problema da raça*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

NORONHA, Sílvia. Sábio do Povo. Memórias da Bahia II. *Correio da Bahia/UCSAL*. Salvador: Empresa Baiana de Jornalismo S.A., 2004.

NUNES, Antonietta d'Aguiar. As leis orçamentárias provinciais baianas (1835-1889) como instrumento de política educacional. *Gestão em Ação*, Salvador, n.8 (3), p.329-340, set./dez. 2005.

ODALIA, Nilo. *As formas do mesmo, ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: UNESP, 1997.

PDBA – Banco de Dados Políticos das Américas. República Federativa do Brasil – Constituição de 1824. Disponível em: <pdba.georgetown.edu/Constitutions/Brazil/brazil1824.html>. Acesso em: 17 out. 2006.

QUERINO, Manuel. *As artes na Bahia*. 2. ed. Bahia: Oficinas do “Diário da Bahia”, 1913.

QUERINO, Manuel. Os homens de côr preta na Historia. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 48, p.353-363, 1923.

QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

QUERINO, Manuel. *A Bahia d’outrora*. 3. ed. Salvador: Progresso, 1946.

RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África, outro horizonte*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 8. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas – a responsabilidade penal no Brasil*. Bahia: Imprensa Popular, 1894.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2006.

SAUNDERS, John. Class, Color, and Prejudice: A Brazilian Counterpoint. In: CAMPBELL, Ernest Q. (Ed.) *Racial Tensions and National Identity*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1972, p.141-165.

SILVA, Viviane Rummmler da. Miguel Navarro y Cañizares e a Academia de Belas Artes da Bahia: relações históricas e obras. *Revista Ohun*, 2 (2), out. 2005.

SKIDMORE, Thomas E. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1974.

SKIDMORE, Thomas E. Race and Class in Brazil: Historical Perspectives. In: FONTAINE, Pierre-Michel (Ed.). *Race, Class and Power in Brazil*. Los Angeles: UCLA/Center for African-American Studies (CAAS), 1985, p.11-24.

SPENCER, Herbert. The Mixture of Races. In: ANDRESKI, Stanislav (Ed.). *Herbert Spencer: Structure, Function, and Evolution*. Londres: Thomas Nelson and Sons Ltd., 1972, p.165-169.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. Salvador/São Paulo: Edufba/UNESP (FEU), 2001.

TOPLIN, Robert Brent. From Slavery to Fettered Freedom: Attitudes toward the Negro in Brazil. *Luso-Brazilian Review*, Madison, Wisconsin, n.7 (1), p.3-12, 1970.

TORRES, João Camillo de Oliveira. *O positivismo no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1957.

TURNER, J. Michael. Manipulação da religião: o exemplo afro-brasileiro. *Cultura*, Brasília, n. 6 (23), p. 56-63, 1976.

VIANNA, Antonio. Manoel Querino (conferência). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n.54, p.305-316, 1928.

WAGLEY, Charles. Anthropology and Brazilian nationality. In: MARGOLIS, Maxine L. & CARTER, William E. (Eds.). *Brazil: Anthropological Perspectives*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1979, p.1-18.

WANTUIL, Zeus. Teles de Menezes: pré-história do espiritismo no Brasil. *Grandes Espíritos do Brasil*. Disponível em: www.universoespirita.org.br/TOSHIBA%20JA%20COLOCADOS/TELES%20%20DE%20%20MENEZES.htm. Acesso em: 31 ago. 2006.